

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Joana Dark Alves dos Santos- Universidade Estadual de Goiás-UEG, graduando do curso de Ciências Biológicas.

Maria Claudia A. dos S. Lacerda-Universidade Estadual de Goiás- UEG, graduando do curso de Ciências Biológicas.

Email-cacalacerda@gmail.com

Regina Celia Pires de Moraes-Universidade Estadual de Goiás-UEG, graduando do curso de Ciências Biológicas.

Email-regina010670@gmail.com

Resumo: O texto tem como interesse elucidar as formas de obter o conhecimento pelo educando, de maneira que o mesmo possa ter uma ressignificação dos conceitos, de acordo com sua cultura. Elucidação feita através de revisão bibliográfica das obras: Luckesiana, Freireana. Objetivando a problematização e a conscientização, com a finalidade de provocar mudanças nas práticas pedagógicas, que levem o aluno a verdadeira obtenção do conhecimento. Tais mudanças estão pautadas no fato que, nas instituições de ensino, o conhecimento, na maioria das vezes significa transmissão e retenção de “pequenas pílulas de informações” que são decoradas, e a realidade em se, permanece obscuras e não compreendida. Neste sentido, observa-se que a ressignificação do conhecimento não ocorre para o educando. Segundo a obra Luckesiana (p.122,123); “[...] o conhecimento é a compreensão inteligível da realidade que o sujeito humano adquire através de sua confrontação com a mesma [...], E o que está em primeiro lugar, o que está na raiz do conhecimento, é a elucidação da realidade e não a retenção de informação contida nos livros, [...] para repeti-las em provas escolares ou de seleções. Isso não é conhecimento, é memorização de informação, sem saber de fato o que essa informação significa.” A educação não pode temer a análise da realidade, não pode fugir à discursão criadora. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? De acordo com a obra Freireana (p.104,105) “[...] Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhes damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.” Quando o educando apropria-se criticamente e não memorizadamente do conteúdo didático, ele começa a produzir por se mesmo o conhecimento, e não simplesmente, como acontece, apenas a reprodução do conhecimento pelo mesmo. Referências bibliográficas: LUCKESI, Cipriano Carlos, Filosofia da educação (1994); FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade (2000).